

Reseñas / Recensões críticas

Miguel Miranda, *A fome do licantropo e outras histórias*.

Porto: Porto Editora, 2014, 176 pp.

Ana Paula Arnaut

Centro de Literatura Portuguesa - Universidade de Coimbra

arnaut@ci.uc.pt

Alicerçados num notável ponto de equilíbrio entre a observação-dissecação da realidade coeva e a seriedade, a crítica e a ironia, os contos de *A fome do licantropo e outras histórias* comprovam a capacidade de Miguel Miranda para escrever narrativas breves em que as afinidades com o fantástico constantemente surpreendem e fascinam. De assinalar, ainda, a presença de interessantes linhas de comicidade, patentes não só na desconcertante designação de género do livro mas também em algumas situações construídas em tom de humor negro que, à semelhança do culto do fantástico, caracteriza outros livros do autor. Afinal, lembrando a sempre atual divisa celebrizada por Molière, é a rir que se castigam os costumes (*ridendo castigato mores*), ou seja, é a rir que melhor se consegue a exposição e a aceitação de um determinado ponto de vista.

Comprovando a capacidade de abertura e, por conseguinte, de renovação do sistema genológico, numa linha subversivamente post-modernista já cultivada, por exemplo, em *Quando o diabo reza*, o “Vadiário breve” publicado por Mário de Carvalho em 2011, *A fome do licantropo e outras histórias* assume-se, então, como um “Profissional”. Um “Profissional” que, em algumas das “Vinte e cinco histórias, ordenadas alfabeticamente, a cada uma correspondendo uma arte, ofício ou vocação”, toca as fronteiras dos sentidos convocados na narrativa do seu colega de ofício literário. Em um e em outro caso, estamos perante narrativas sobre vadios, ou, mais especificamente, sobre malandros, peritos na arte do endrominanco, manhosos e espertalhões capazes de fazer tudo para sobreviver, ou, nas palavras do sórdido Palma Cavaleão do universo queirosiano, capazes de fazer todo o tipo de coisas “pela porca da vida”.

A título de ilustração, atentemos nos contos “O Diretor impiedoso”, “Nas mãos do Exumador”, o “O Kamikaze desafortunado”, ou “O *Zombie* em tirocínio”. No primeiro, encontramos

Jorge, um comercial que passa “mais tempo a jogar nas apostas *online* do que a visitar clientes” (p. 27) e que justifica a ausência de resultados (mentindo, naturalmente, numa tentativa de endrominar o diretor) com o cansaço provocado pelo facto de ter que tomar conta da mãe, “a morrer aos poucos” (p. 28). No segundo, temos Aurélio, o exumador (e protagonista de uma história sobrenatural), que, quando chamado a desenterrar cadáveres, transporta três malas: duas carregadas de pedras e uma outra, uma maleta, com a aparelhagem necessária – “Se o agente fosse simpático, dizia-lhe para carregar apenas a maleta. Quando dava de caras com um chico-esperto, fazia-o carregar com a carga toda” (p. 34). Em “O Kamikaze desafortunado”, um grupo de manhosos de serviço, Diógenes, Tono Chapeiro e Guimarães, protagonizam uma técnica “simples e infalível”, ou, se calhar, não tão simples e infalível, para enganar companhias seguradoras.

Quanto a “O *Zombie* em tirocínio”, os sobrinhos de Floripes envolvem-se numa rocambolesca tentativa de fazer com que a tia abandone a casa em que vive para, depois, a venderem. Mas Floripes revela-se mais manhosa do que os herdeiros e, servindo-se do estratagema pensado por estes (que envolve o regresso de Adélio, o finado marido, do mundo dos mortos para a assustar), acaba por se livrar deles...

Numa linha diversa, porém afim, convocamos ainda “A mulher, o mar e o Nadador salvador”, para quem o ofício “tinha alguma coisa de *Tarzan*” (p. 91), modo outro de dizer que via a sua profissão como um meio de engate. No entanto, as peripécias envolvidas no salvamento da mulher “demasiado bela para se afogar” (p. 90) não só provam a sua incompetência como, além disso, revelam que esta era bem mais manhosa do que ele...

Embora inevitavelmente diferentes, as personagens que acabamos de mencionar não deixam de trazer à memória outras com as quais já convivemos em livros anteriores. Recordamos, de *A maldição do louva-a-deus* (2001), Madame Campos, a bruxa, versão mais urbana, mais pseudo sofisticada e mais trabalhada, de Mota, o bruxo dos Quatro Caminhos, personagem de “Raiz quadrada de uma atracção incerta”, de *Contos à moda do Porto* (1995), e embrião, segundo julgamos, dos protagonistas de alguns outros contos de *A fome do licantropo e outras histórias*: “A premonição do Adivinho”, “Nas mãos da Quiromante” e “A lei do Soba”. Ainda do mesmo romance, é impossível não evocar Pereirinha, o caricato e risível

monstro, filho do coveiro de Mafamude e eventual parente profissional remoto de Aurélio, o exumador, ou, por motivos diversos, do feiticeiro do último conto referido. Não há, também, como não lembrar os protótipos do *nosso Tarzan*, Cazé e Toné, os *meninos bem* que, em “Duelo na Foz”, de *Contos à moda do Porto*, sublimam a sua masculinidade na alta velocidade proporcionada por bons carros.

Ainda no que toca a “A premonição do adivinho”, como sucede com o conto que empresta o título ao livro (“A fome do licantropo”) – numa temática já cultivada em “Nocturno”, de *Como se fosse o último* (2004) –, ou como acontece com “A pantera e o Oftalmologista”, devem assinalar-se a contaminação com as características transgressoras do género fantástico e as evidentes e estreitas afinidades com uma dimensão sobrenatural que encontra as suas raízes em Gil Vicente (alguns autos), Alexandre Herculano (certas *Lendas e narrativas*, 1851), Teófilo Braga (*Contos fantásticos*, 1865), Eça de Queirós (*O mandarim*, 1880), Mário de Sá-Carneiro (*A confissão de Lúcio e Céu em fogo*, 1914, 1915) ou José Saramago (*Memorial do convento*, 1982).

No domínio de uma temática relacionada com os efeitos alucinatórios de certas substâncias, podemos, sem grande dificuldade, relacionar uma das personagens de “A absintaria do Recoveiro” (p. 123) com Arturinho La Gauche, o “Rei do Pó”, cliente-paciente assíduo da já referida Madame Campos, que, por sua vez, nos traz à memória o protagonista de “Arruma-mos”, conto de *A mulher que usava o gato enrolado ao pescoço* (2000). Referimo-nos a Vitinha, um ganzado inveterado que, confundindo com cocaína o pó que encontra numa caixa que uma freira lhe pede que guarde, acaba por snifá-lo sem se dar conta de que, de facto, se tratava das cinzas da Madre Superiora.

Um outro conto deste recente livro, “As gardénias e o Jardineiro”, permite, ainda que obliquamente, confirmar a sedução de Miguel Miranda pelo subgénero do romance policial, já cultivado em *O estranho caso do cadáver sorridente* (1998), *Livrai-nos do mal* (1999), *Dois urubus pregados no céu* (2002), *Dai-lhes, Senhor, o eterno repouso* (2011) e *Sem Coração* (2015). Nestes romances (com exceção do título de 1999), numa espécie de continuação de uma saga, o autor *ressuscita*, entre outras personagens, como Kit Cobra (o olheiro de serviço), a figura do “grande detective” Mário França, espécie de James Bond à portuguesa (ou não fosse um dos seus hábitos apresentar-se como “França. Mário França”) cujas

capacidades lhe permitem, por exemplo, visografar os ambientes, destrinçar e identificar os múltiplos cheiros de um local de crime (perfumes, cigarros, charutos), adequar o latido de um cão à respetiva raça, ou, ainda, “identificar postigos em qualquer código fonético ou tremelga de voz” e “fazer acreditar, em braille”...

Verdade? Ficção? Não interessa, com certeza. O que seguramente interessa em *A fome do licantropo e outras histórias*, ou nos livros que extensionalmente convocamos, é o que se pode esperar da leitura da obra de Miguel Miranda: a criação de universos cuja arquitetura semântica exige que neles entremos de espírito aberto, transportados pela respiração própria de quem na Literatura procura conhecer outras vidas, outras histórias, outros desafios. Ou, se preferirmos, de quem na Literatura procura fruir a capacidade do escritor para reconstruir o(s) mundo(s) em que vivemos.
